

**CHRIS WALLACE**

com MITCH WEISS

**BESTSELLER**  
New York Times  
e Wall Street  
Journal

# 1945 CONTAGEM DECRESCENTE

A EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA  
DA BOMBA ATÓMICA E OS 116 DIAS  
QUE MUDARAM O MUNDO

VOGUE

*Para a Lorraine*  
*Tu és a melhor parte de qualquer aventura*

## CONTAGEM DECRESCENTE:

# 116 DIAS

12 de abril de 1945

Washington, D. C.

Harry Truman precisava de uma bebida. Era o seu octogésimo segundo dia como vice-presidente. E, como era habitual, passava a tarde na câmara do Senado, desta vez presidindo um debate acerca de um tratado sobre a água com o México. Enquanto os senadores se alongavam aborrecidamente, o seu espírito divagava sobre a mãe e a irmã, que continuavam a viver perto da velha quinta da família Truman, em Grandview, no Missouri. Truman pegou numa folha de papel e numa caneta, apesar de estar sentado na sua secretária elevada na tribuna da câmara do Senado.

«Querida Mamã e Mary», escreveu, «um tempestuoso senador do Wisconsin» continuava a falar ininterruptamente «sobre um assunto de que não percebe nada». Fazia parte da tarefa de Truman como presidente do Senado officiar sessões como aquela. Mas mal podia esperar que terminasse. Havia outro sítio onde queria estar. Não fazia ideia de que a sua vida estava prestes a mudar para sempre.

Agora, mesmo antes das 17h, o Senado encerrava misericordiosamente a sessão. Truman começou a atravessar o Capitólio sozinho, sem o seu destacamento dos Serviços Secretos, através da ala lateral do Senado, atravessando a Rotunda do Capitólio e depois o Átrio das Estátuas, até à ala lateral da Câmara. Elegantemente vestido como era seu hábito, com um fato assertoado, um lenço branco na lapela e uma

gravata-borboleta às pintas, Truman andava sempre apressadamente. E uma das razões era porque tinha um passo rápido.

Desceu desde o piso público principal do Capitólio até ao piso térreo, percorrendo as escadas até ao refúgio privado do Presidente da Assembleia, Sam Rayburn, o Gabinete 9, que era conhecido como o «Conselho Educativo». Era a sala mais reservada do Capitólio — acessível apenas através do convite pessoal de Rayburn. Na maioria das tardes, os membros do Congresso encontravam-se ali após as horas oficiais de trabalho, para discutir estratégia, trocar boatos e «fazer um brinde à liberdade», tomando uma ou duas bebidas. Truman era presença habitual. E a sua bebida preferida era *bourbon* com água.

O Conselho Educativo era um refúgio clássico do Capitólio, com cerca de 6 metros de comprimento, com grandes cadeiras de couro, um sofá e uma longa secretária de mogno, que se transformava num armário de bebidas. A única nota dissonante era um ornamentado teto pintado, decorado com aves, animais e plantas. Rayburn tinha um mural com a «estrela solitária» do Texas numa das extremidades da sala.

Quando Truman chegou, Rayburn — o «Mr. Sam» — disse-lhe que a Casa Branca andava à sua procura. «O Steve Early quer que lhe ligue imediatamente», disse Rayburn, referindo-se ao secretário de há muito tempo do Presidente Roosevelt. Truman serviu-se de uma bebida e depois sentou-se e ligou para a central telefónica da Casa Branca: National 1414.

«Daqui fala o VP», proferiu Truman.

Quando Early atendeu, foi breve e direto. A sua voz era tensa. Disse a Truman que fosse para a Casa Branca «tão depressa e discretamente» quanto possível e que acesse pela entrada principal da Pennsylvania Avenue. Rayburn observava Truman, que sempre achou um pouco pálido. Agora, «ficara um pouco mais pálido».

«Jesus Cristo e general Jackson», exclamou Truman quando desligou o telefone, demasiado chocado para sequer disfarçar. Tentou manter-se calmo. Disse aos outros presentes na sala que tinha de ir

à Casa Branca por causa de uma «chamada especial». Levantou-se imediatamente, dirigiu-se à porta e pôs a mão sobre o puxador, depois deteve-se e voltou-se. «Rapazes, isto fica nesta sala. Deve ter acontecido qualquer coisa.»

Truman fechou a porta firmemente atrás de si e depois estugou o passo, desta vez através do Capitólio agora praticamente vazio. As suas passadas ecoavam pelos corredores de mármore enquanto deslizava pelas estátuas de antigos generais e políticos, passava pela barbearia do Senado e subia as escadas até ao seu gabinete vice-presidencial. Estava sem fôlego. Pegou no chapéu e disse ao seu pessoal que se dirigia à Casa Branca, mas não acrescentou mais nada. Não tinha tempo para explicar. E, de qualquer forma, não sabia realmente muito mais.

Na rua, chovia. Truman entrou no seu automóvel oficial, um *Mercury* preto, e deu instruções ao seu motorista, Tom Harty. Mais uma vez, deixou para trás a comitiva dos Serviços Secretos. Com o tempo e o trânsito, Truman levou mais de dez minutos para chegar à Casa Branca. E, durante todo esse tempo, interrogava-se sobre o que se estava a passar.

O Presidente Roosevelt deveria estar em Warm Springs, na Geórgia, onde passara as duas últimas semanas a recuperar de um esgotamento após uma cimeira de guerra em Ialta, com o primeiro-ministro britânico Winston Churchill e o líder soviético José Estaline.

Talvez Roosevelt tivesse regressado a Washington. O seu velho amigo, Julius Atwood, um bispo episcopal reformado, fora sepultado em Washington na manhã desse dia. Teria o presidente assistido à cerimónia e queria agora ver Truman? Mas, desde que se tornara vice-presidente há quase três meses, apenas se encontrara em privado com Roosevelt duas vezes. Porquê agora?

Às 17h25, o carro de Truman entrou pela Pennsylvania Avenue, passou pelo Portão Noroeste e prosseguiu até ao Pórtico Norte da Casa Branca. Na porta principal, os porteiros foram ao encontro de Truman, recebendo o seu chapéu e conduzindo-o ao pequeno elevador revestido de carvalho do presidente.

A primeira-dama, Eleanor Roosevelt, estava à sua espera no seu gabinete privado do segundo piso, juntamente com a filha, Anna, o genro, o tenente-coronel John Boettiger, e Steve Early. As duas mulheres estavam vestidas de preto.

A primeira-dama levantou-se e foi ao encontro de Truman, colocou-lhe o braço em volta do ombro e disse-lhe: «Harry, o presidente morreu.»

Truman ficou demasiado estupefacto para conseguir falar. Acorrera à Casa Branca para ver o presidente. Agora, estava ali, descobrindo subitamente que era ele o presidente.

Levou um momento a recompor-se. Perguntou à Senhora Roosevelt: «Há alguma coisa em que possa ajudá-la?»

«Há alguma coisa em que possa ajudá-lo?», retorquiu ela. «Porque você é que está agora em apuros.»

Minutos mais tarde, às 17h45, o boletim noticioso anunciava ao país e ao mundo: Franklin Delano Roosevelt, o homem que conduzira a nação durante os últimos doze anos, superando a Grande Depressão e Pearl Harbor e, agora, perto da vitória na Europa na Segunda Guerra Mundial, morrera de uma hemorragia cerebral, aos 63 anos.

A Casa Branca, praticamente deserta por Roosevelt estar fora, retomou subitamente o movimento. Foi convocada uma reunião do Gabinete para as 18h15. Truman ordenou que os líderes do Congresso devessem estar presentes. E Harlan Stone, o presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, foi chamado à Casa Branca para presidir ao juramento do cargo. Havia mais uma coisa que Truman tinha de fazer.

Às 18h telefonou à mulher, Bess, que se encontrava no seu modesto apartamento da Connecticut Avenue. A filha, Margaret, atendeu o telefone. Ainda não ouvira as notícias e começou a brincar com ele, como era costume. Ele interrompeu-a e disse-lhe que chamasse a mãe ao telefone.

Truman habitualmente partilhava tudo com Bess. Mas agora não havia tempo para isso. Disse-lhe que o Presidente Roosevelt morrera

e que lhe iria mandar um carro para ela, Margaret e a sogra, Madge Wallace, que vivia com a família. Queria que elas estivessem a seu lado quando prestasse juramento do cargo.

Truman desligou. Sabia que a conversa abalara a mulher. Desde que aceitara a nomeação como vice-presidente no verão anterior, sabia que aquele era o seu maior medo — que Roosevelt não sobrevivesse ao seu quarto mandato. Agora, ele e a família haviam sido empurrados para a posição que ela receava.

Quando Truman chegou à Sala do Gabinete, esta estava ainda vazia. Sentou-se à grande mesa. Depressa a divisão se encheu à sua volta. Um dos funcionários de Roosevelt descreveu mais tarde Truman «como um pequeno homem à espera numa enorme cadeira de couro». Mas quando todos os funcionários do Gabinete que estavam em Washington chegaram, Truman levantou-se. «Quero que todos continuem e prossigam o trabalho», disse-lhes, «e quero fazer tudo da forma como o Presidente Roosevelt pretendia.»

Houve um atraso enquanto esperavam pela chegada do presidente do Supremo Tribunal. E a família de Truman teve de passar por uma grande multidão que se reunira no exterior do seu prédio. Os funcionários apressaram-se a procurar uma Bíblia, encontrando finalmente uma edição Gideon na secretária do chefe dos porteiros da Casa Branca.

Às 19h09, Truman e o presidente do Supremo Tribunal, Stone, ficaram de pé em frente à lareira ao fundo da Sala do Gabinete, com a família de Truman e os funcionários de topo a formarem um semi-círculo por detrás deles. O presidente do Supremo Tribunal iniciou o juramento: «Eu, Harry Shipp Truman», começou, pressupondo que a inicial intermédia «S» viesse da família do pai, quando de facto não representava nada.

«Eu, Harry S. Truman», respondeu, corrigindo o presidente do Supremo Tribunal.

E não foi a única falha. Depois de Truman completar o juramento, o presidente do Supremo Tribunal disse-lhe que segurasse a Bíblia na



Harry Truman presta juramento como presidente a 12 de abril de 1945.

mão esquerda, mas colocou-lhe a mão direita em cima. Por isso tiveram de repetir, desta vez com o novo presidente a erguer a mão direita. Quando a cerimónia de juramento finalmente terminou, Truman beijou a Bíblia e, depois, voltou-se para beijar a mulher e a filha.

Após o juramento, Truman conversou brevemente com o seu Gabinete. Repetiu a sua intenção de prosseguir o programa de Roosevelt. Disse que iria pedir sempre conselhos francos, mas tornou claro que tomaria as decisões finais. E que, depois de as tomar, esperava o seu total apoio.

Quando a reunião terminou e os outros funcionários regressaram a casa até ao dia seguinte, houve um homem que ficou para trás: Henry Stimson, o secretário de Guerra. Pediu para falar a sós com o novo presidente «acerca de um assunto da maior urgência».

Aos 77 anos, Stimson era uma figura lendária que servira cinco presidentes. Truman seria o sexto. Sentado com o novo presidente, disse que seria breve. O assunto era complicado e daria mais pormenores mais tarde. Mas queria que Truman soubesse de «um grandioso projeto que está em andamento» para desenvolver «um novo explosivo

com um poder destrutivo praticamente inacreditável». O projeto era tão secreto — e tão potencialmente perigoso — que apenas meia dúzia de pessoas o conhecia. Stimson disse a Truman que o informaria detalhadamente sobre este projeto assim que o presidente tivesse alguns dias para se instalar.

E foi tudo. O curto e misterioso relato deixou Truman perplexo. Mas estava a tentar processar muita coisa: a morte de Roosevelt, a reação da nação, a sua súbita responsabilidade em liderar o esforço de guerra, tanto na Europa como no Pacífico. O «projeto» de Stimson era mais uma responsabilidade que agora recaía sobre ele. E não fazia a menor ideia do que realmente se tratava. Fora um dia, disse mais tarde, «em que o mundo desabou sobre mim».

«Decidi que o melhor que tinha a fazer era ir para casa, descansar o mais possível e enfrentar a realidade», escreveu no seu diário.

## **CONTAGEM DECRESCENTE:**

# **113 DIAS**

15 de abril de 1945

Los Alamos, Novo México

Deveria ser primavera. Mas a neve estalava sob os pés de J. Robert Oppenheimer enquanto este atravessava rapidamente o recinto ultrasecreto do Exército, no planalto do Novo México. Dirigia-se diretamente sobre a neve até à sala de cinema improvisada.

Oppenheimer era o diretor científico do Projeto Manhattan, o esforço maciço secreto norte-americano para desenvolver uma bomba atômica. Em qualquer outra manhã, estaria a debater-se com milhares de documentos no seu gabinete: a ler relatórios de progresso, a escrever memorandos, ou a devolver chamadas telefônicas urgentes de Washington. Enquanto o país lá fora combatia na Segunda Guerra Mundial, Oppenheimer e o seu grupo de cientistas, nas instalações cercadas de arame farpado, concentravam todas as suas energias e capacidades no «engenho», uma aterradora nova arma de destruição maciça.

Mas não naquela manhã de domingo. Naquele dia, juntara os enlutados cientistas, militares, funcionários e famílias que viviam na cidade secreta de Los Alamos para uma oração fúnebre pelo Presidente Roosevelt. Nunca pronunciara um discurso fúnebre.

Sendo um brilhante físico teórico, Oppenheimer não tinha qualquer dificuldade em transmitir aos seus colegas, ou aos estudantes universitários das maiores universidades do país, complexas teorias científicas que explicavam o funcionamento do universo. Era fluente

em seis línguas e versado em literatura clássica e filosofia oriental. Aprendera sânscrito para poder ler o *Bhagavad Gita*, um poema devocional hindu, na sua língua original.

Tinham passado três dias desde que o Presidente Roosevelt morrera numas termas da Geórgia. Oppenheimer passara a maior parte desse tempo a lutar para encontrar as palavras certas para o enaltecer.

Sentia a perda de uma forma profundamente pessoal. O presidente guiara os Estados Unidos ao longo de algumas das suas horas mais sombrias. Estivera na Casa Branca desde 1933, assumindo o seu cargo no auge da Grande Depressão. Trabalhara afincadamente para restaurar a fé e a confiança do povo norte-americano com ambiciosos programas, concebidos para recuperar a economia.

A nação voltara-se de novo para Roosevelt quando as forças japonesas atacaram a base naval norte-americana em Pearl Harbor, no Havai, a 7 de dezembro de 1941. A maioria dos norte-americanos soube do ataque quando um boletim noticioso interrompeu os seus programas radiofónicos de uma tarde de domingo. «O Japão?» As pessoas abanavam a cabeça sem conseguir acreditar e sintonizavam os seus rádios. Seria verdade? Seria possível? No dia seguinte, Roosevelt dirigiu-se ao Congresso e à nação através da rádio, num discurso que ecoaria ao longo dos anos. O ataque fora «não provocado» e «cobarde», disse. O dia 7 de dezembro de 1941 era «uma data que perdurará como uma infâmia».

O presidente fez uma promessa ao povo: «Independentemente do tempo que nos possa demorar a rechazar esta invasão premeditada», vociferou, «o povo americano, com o seu justo poder, irá vencer até à vitória absoluta.»

O Congresso declarou guerra ao Japão. Quatro dias depois, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos. A nação mobilizou-se. Para muitos norte-americanos, Roosevelt era o único comandante-chefe que haviam conhecido. Fora eleito presidente quatro vezes e, passados quase três anos e meio da entrada na Segunda

Guerra Mundial, quando os Aliados se aproximavam da vitória na Europa — e a guerra no Pacífico atingia um clímax sangrento —, Roosevelt morria subitamente.

Agora, uma onda de incerteza abalava as fileiras do Projeto Manhattan. Anos antes, fora Roosevelt quem autorizara a investigação sobre a bomba atômica e o seu projeto de desenvolvimento, juntando os espíritos científicos mais brilhantes numa operação que esperava que, um dia, terminasse com a guerra. Roosevelt fora determinante para que as grandes corporações — a DuPont, a Standard Oil, a Monsanto e a Union Carbide — concebessem, fabricassem e operassem novo equipamento revolucionário e fábricas para ajudar a construir a arma. Os laboratórios universitários e industriais disponibilizaram os seus melhores e mais criativos cientistas. Era dispendioso, arriscado e envolto em total segredo.

Ninguém sabia ao certo quando, nem se, Harry Truman prosseguiria o projeto. Como recordou o físico Philip Morrison: «Agora, não conhecíamos ninguém no topo.»

A equipa em Los Alamos voltou-se para Oppenheimer à procura de respostas. Ele era um génio da física teórica, mas os seus talentos não se limitavam à ciência. O seu espírito aguçado conseguia penetrar até ao âmago de qualquer problema e apresentar soluções claras e concisas. Os seus colegas descreviam-no como o pensador mais rápido que alguma vez tinham conhecido. Naquele momento, essa clareza era mais necessária do que nunca.

Oppenheimer tinha 1,80 metros de altura e pesava cerca de 60 quilos, sendo magro ao ponto da emaciação. Mas vestia-se como um *dandy*, com fatos cinzentos de corte elegante, camisas azuis e gravatas, sapatos impecavelmente engraxados e chapéus *pork pie*. Com o seu cigarro pendurado no lábio inferior, brilhantes olhos azuis e um olhar penetrante, atraía as mulheres e intimidava os homens. «Oppie» era uma personagem vistosa e confiante, tão à vontade numa receção festiva como numa sala de conferências.

Filho de um imigrante alemão que enriquecera a importar tecidos em Nova Iorque, era esperado que Oppenheimer tivesse sucesso, e ele não decepcionou. Licenciou-se *summa cum laude* pela Universidade de Harvard em apenas três anos. Aos 22 anos, foi-lhe concedido o doutoramento em física pela Universidade de Göttingen, na Alemanha, onde estudou com a orientação do aclamado físico Max Born. Passados poucos anos, Oppenheimer aceitou prestigiados cargos de ensino tanto na Universidade da Califórnia, em Berkeley, como no Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena. Dividia o seu tempo entre escolas: um semestre em Berkeley, o seguinte em Pasadena. Ao contrário da maioria dos professores dessa época, era um exuberante e boémio ator do Método, que dava aulas com um entusiasmo contagiante. Sem recorrer a notas, entretencia literatura e poesia nos conceitos matemáticos mais complexos. Tornava claro que as perguntas científicas mais importantes ainda não tinham tido resposta e desafiava os alunos a sondarem os seus mistérios. Como recordou um dos seus colegas, Oppenheimer levou um «grau de sofisticação à física que era anteriormente desconhecido nos Estados Unidos».

Os estudantes ficavam fascinados e inspirados. Seguiam o professor de um lado para o outro, entre Berkeley e Pasadena, cativados pelas suas excentricidades e entusiasmo pela vida, o seu apetite por bifés malpassados, *martini* forte, comida picante e cigarros. Era um cavaleiro, um marinheiro exímio e apreciava ter um amigo a cada esquina.

Mas Oppenheimer tinha também um lado sombrio. O seu brilhantismo podia ser obscurecido pela melancolia e pela irritabilidade. Não tolerava conversas triviais. Interrompia os amigos a meio da conversa, em especial se achasse que o assunto não era intelectualmente estimulante. Os alunos que faziam perguntas vulgares eram submetidos a uma humilhação pública. Um colega de longa data descrevia Oppenheimer como «altivo ao ponto da má educação».

Em 1942, quando Oppenheimer foi nomeado para dirigir o Projeto Manhattan, alguns dos seus colegas questionaram o seu temperamento

e falta de experiência executiva, dizendo que ele não conseguia «gerir uma rulote de hambúrgueres». Teria de cobrir o fosso entre académicos inovadores e independentes e a rígida estrutura dos militares.

Oppenheimer entrou em força no cargo, o qual via como o meio mais eficiente para acabar com a guerra. Persuadiu cientistas de renome mundial a desenraizarem as suas famílias e a juntarem-se-lhe no laboratório secreto de armas atómicas em Los Alamos, uma área remota, rodeada por desfiladeiros profundos e picos elevados, na ponta mais a sul das Montanhas Rochosas. Oppenheimer trabalhava bem com os chefes militares, incluindo o seu equivalente, o general Leslie R. Groves.

Com o tempo, Oppenheimer transformou-se num administrador extraordinariamente eficiente e carismático, afirmavam os seus amigos e colegas. Alguns dos maiores físicos mundiais estavam reunidos em Los Alamos, incluindo os vencedores de seis Prémios Nobel. Os seus egos eram gigantescos, mas, de algum modo, Oppie fazia com que tudo funcionasse. Um dos seus colegas afirmou que Oppenheimer estava muito próximo de ser indispensável.

Em abril de 1945, Oppenheimer assumia por inteiro o seu papel como diretor científico do projeto. Tinha apenas 40 anos. Vivia com a mulher, Kitty, e dois filhos pequenos, num pequeno chalé, numa área retirada de Los Alamos. O outrora excêntrico professor convidava agora para jantar no seu chalé cientistas de visita e colegas. A festa começava com *dry martinis* e transbordava para o pátio da entrada, enquanto o sol se punha.

Los Alamos crescera subitamente, passando de algumas centenas de habitantes para oito mil cientistas e pessoal militar e as suas famílias. O perímetro de 20 mil hectares — «the Hill» — estava rodeado por uma cerca de 3 metros, encimada por arame farpado. No interior, outra cerca rodeava a área técnica, a que apenas acediam aqueles com um grau de autorização do nível mais elevado. O gabinete de Oppenheimer encontrava-se aí, bem como os vastos laboratórios usados para a investigação da bomba. Como um presidente de câmara, Oppenheimer



Uma festa em Los Alamos, em 1944: (da esquerda para a direita) Dorothy McKibbin, responsável por acolher os novos recrutados na cidade secreta; Robert Oppenheimer, diretor científico do Projeto Manhattan; e Victor Weisskopf, físico nuclear.

muitas vezes acenava e cumprimentava as pessoas, enquanto passeava pelas ruas desprovidas de árvores de Los Alamos. Estava sempre impecável e elegante, sem nunca lhe faltarem as palavras.

Contudo, a 12 de abril, a notícia da morte do presidente foi um terrível choque. Thomas O. Jones viu nesse dia um Oppenheimer mais cabisbaixo, um homem a debater-se com uma perda profunda.

Jones, um agente secreto, tinha o seu gabinete num edifício ligado ao de Oppenheimer por uma passagem coberta. Estava pronto para sair quando o telefone tocou. Roosevelt morrera, disseram do outro lado da linha. Jones, a princípio, não acreditou.

«Tem a certeza?», perguntou.

Do outro lado repetiram a mensagem. Jones permaneceu sentado em silêncio, atônito. Sabia que tinha de contar aos outros. A base estava isolada do mundo. Não havia estações de rádio, nem jornais. A cidade mais próxima era Santa Fé, a cerca de 50 quilómetros. Los Alamos,

de acordo com os mapas, não existia. Por isso, a maioria das pessoas teria de ouvir a má notícia através do altifalante da área técnica.

Jones decidiu contar a Oppenheimer. Saiu a correr do gabinete em direção à passagem entre os edifícios. A meio do caminho, vislumbrou uma figura familiar a ir ao seu encontro.

Oppenheimer já sabia, mas não conseguia acreditar. «É verdade?», perguntou Oppenheimer.

«Sim, Oppie», sussurrou Jones.

Apenas confirmou aquilo que Oppenheimer esperava ouvir.

Os trabalhadores da área técnica souberam ao mesmo tempo da morte do presidente. Parou tudo. Os cientistas voltavam-se uns para os outros. «Já sabem?», perguntavam. Alguns estavam em choque, silenciosos. Outros choravam. Saíam dos laboratórios para os corredores e as escadas lá fora. Ninguém queria estar só.

No corredor, Jones percebeu que Oppenheimer estava visivelmente abalado, com um rosto pálido e sombrio. Falaram sobre o presidente, de como ele salvara a nação. Oppenheimer elogiou o bem que Roosevelt fizera, a sua inteligência e «personalidade magnética».

Na realidade, Oppenheimer e Roosevelt nunca falaram muito um com o outro. Mantinham uma distância respeitosa e comunicavam sobretudo através de intermediários. Sempre que Roosevelt tinha oportunidade, louvava Oppie pelo trabalho «extremamente importante» de supervisionar o Los Alamos Weapons Research and Design Lab.

Numa carta a Oppenheimer de 29 de junho de 1943, Roosevelt tentava aligeirar o crescente antagonismo entre os cientistas e o general Groves, o agressivo líder militar do projeto. Roosevelt soubera que alguns cientistas começavam a ceder sob a pressão daquilo que consideravam ser prazos impossíveis de cumprir. Ressentiam-se por viverem sob uma guarda pesada. Alguns duvidavam de que a bomba alguma vez pudesse ser construída e questionavam a sensatez de se trabalhar com um material tão perigoso.

A carta de Roosevelt reconhecia Oppenheimer como líder de um grupo de elite de cientistas que trabalhavam sob medidas de segurança estritas e «restrições muito especiais». O presidente apelava a Oppenheimer para que convencesse a sua equipa de que as restrições eram necessárias. Pedia-lhe que transmitisse o apreço de Roosevelt pelo seu trabalho árduo e pelos seus «sacrifícios pessoais».

«Tenho a certeza de que podemos contar com o seu trabalho contínuo, dedicado e altruísta. Sempre que o inimigo planear qualquer coisa, a ciência americana estará à altura do desafio», escrevia Roosevelt.

Agora, enquanto se preparava para o discurso fúnebre, Oppenheimer sabia que alguns dos seus cientistas ainda alimentavam dúvidas acerca da capacidade do projeto para desenvolver uma bomba atómica. Nos últimos tempos, físicos como Leo Szilard expressavam a sua oposição moral à sua utilização na guerra. Szilard iniciou uma petição, recolhendo os nomes dos colegas cientistas que sentiam o mesmo.

Mas, especialmente naquele dia, Oppenheimer queria pôr de lado essas preocupações. Ficou acordado até tarde na noite anterior para terminar o seu discurso fúnebre. De manhã, viu o manto de neve sobre o seu jardim, as ruas, a cidade inteira. Morrison, o físico, recordou a neve como um «gesto de consolo».

As ruas habitualmente animadas estavam silenciosas. Como em grande parte dos Estados Unidos, Los Alamos estava de luto. O pavimento no exterior do cinema estava livre de neve, depois de ter sido pisada pelos pés das centenas de pessoas que esperavam lá dentro. Jones veio ter com Oppie à porta e guiou-o até ao interior. O chefe deixou à entrada o seu característico chapéu *pork pie*.

Oppenheimer encaminhou-se lentamente para o palco e as pessoas, apinhadas em filas de bancos de madeira, ficaram em silêncio. Para alguns, que já conheciam Oppie, este pareceu-lhes um pouco mais velho do que o audacioso jovem físico que fora uma verdadeira estrela

THE WHITE HOUSE  
WASHINGTON

June 29, 1943

*Secret*

My dear Dr. Oppenheimer:

I have recently reviewed with Dr. Bush the highly important and secret program of research, development and manufacture with which you are familiar. I was very glad to hear of the excellent work which is being done in a number of places in this country under the immediate supervision of General L. R. Groves and the general direction of the Committee of which Dr. Bush is Chairman. The successful solution of the problem is of the utmost importance to the national safety, and I am confident that the work will be completed in as short a time as possible as the result of the wholehearted cooperation of all concerned.

I am writing to you as the leader of one group which is to play a vital role in the months ahead. I know that you and your colleagues are working on a hazardous matter under unusual circumstances. The fact that the outcome of your labors is of such great significance to the nation requires that this program be even more drastically guarded than other highly secret war developments. I have therefore given directions that every precaution be taken to insure the security of your project and feel sure that those in charge will see that these orders are carried out. You are fully aware of the reasons why your own endeavors and those of your associates must be circumscribed by very special restrictions. Nevertheless, I wish you would express to the scientists assembled with you my deep appreciation of their willingness to undertake the tasks which lie before them in spite of the dangers and the personal sacrifices. I am sure we can rely on their continued wholehearted and unselfish labors. Whatever the enemy may be planning, American science will be equal to the challenge. With this thought in mind, I send this note of confidence and appreciation.

Carta do Presidente Franklin D. Roosevelt a J. Robert Oppenheimer, de 29 de junho de 1943.

na Califórnia. Muitas pessoas da audiência, como Jones e Morrison, interrogavam-se sobre se aquilo significava o fim de todo o projeto.

Oppenheimer permaneceu no palco, com uma bandeira norte-americana a meia haste atrás, e esperou um momento. Depois, numa voz que não passava de um sussurro, começou por pronunciar um discurso fúnebre concebido para sossegar os milhares de pessoas que trabalhavam em Los Alamos.

«Quando, há três dias, o mundo soube da morte do Presidente Roosevelt, muitos que não têm esse hábito choraram, muitos homens e mulheres pouco acostumados a orações rezaram a Deus. Muitos de nós olharam para o futuro com uma profunda preocupação; muitos de nós sentiram-se menos certos de que as nossas tarefas chegariam a bom porto; todos nós fomos recordados de como a grandeza humana é preciosa.

«Temos vivido anos de grandes males e de grande terror. Roosevelt tem sido o nosso presidente, o nosso comandante-chefe e, num antigo e imaculado sentido, nosso chefe. Em todo o mundo, houve homens que o procuraram para que os guiasse e que viram nele a sua esperança de que os males destes tempos não se repetissem; que os terríveis sacrifícios que foram feitos, e que aqueles que falta ainda fazer, levassem a um mundo mais adequado à convivência humana. É nestes tempos malignos que os homens reconhecem a sua impotência e profunda dependência. Que nos recordamos dos tempos medievais, quando a morte de um bom, sábio e justo rei mergulhava o seu país no desespero e no luto.»

Depois, Oppenheimer recorreu ao texto que tanto conforto lhe fornecera ao longo dos anos.

«Na escritura hindu, no *Bhagavad Gita*, é dito: “O homem é uma criatura cuja substância é a fé. Aquilo que a sua fé é, é ele.” A fé de Roosevelt é aquela que é partilhada por milhões de homens e mulheres em todos os países do mundo. Por esta razão é possível conservar a esperança, por esta razão está certo que nos dediquemos à esperança de que as suas boas ações não tenham terminado com a sua morte.»

Depois disso, os cientistas e as suas famílias ergueram-se, de cabeça baixa e em silêncio, demasiado entristecidos para falar.

Apesar de não ser clara a forma como Truman lidaria com o Projeto Manhattan, Oppenheimer tentava permanecer otimista. Após o serviço fúnebre, virou-se para um amigo, David Hawkins, um físico.

«Roosevelt era um grande arquiteto», afirmou Oppenheimer. «Talvez Truman seja um bom carpinteiro.»

Mas Oppenheimer não tinha a certeza. Sabia apenas que, após ter gastado anos de intensa investigação e milhares de milhões de dólares dos contribuintes, era bom que os cientistas de Los Alamos apresentassem resultados, e depressa.

## CONTAGEM DECRESCENTE:

# 105 DIAS

23 de abril de 1945

Wendover, Utah

O coronel Paul Tibbets Jr. franziu o rosto e afastou o auscultador do telefone da orelha, enquanto um polícia de Salt Lake City berrava do outro lado da linha. Durante o fim de semana, alguns dos militares da aviação do coronel tinham irrompido pela cidade como *cowboys* no final da condução de uma manada e o polícia recitava uma longa lista de desacatos. Excessos de velocidade, desrespeito de sinais vermelhos, entrada aos berros pelo Hotel Utah com uísque e mulheres desbragadas e rixas com os arruaceiros locais.

Tibbets suspirou. Ele e os seus homens estavam encurralados naquela faixa desértica há demasiado tempo. Já era altura de o 509.º Grupo Misto deixar o Aeródromo de Wendover e começar a arranjar problemas reais com os verdadeiros inimigos.

Disse ao polícia que já não faltava muito para que ele e a cidade se livrassem deles. Encarcerar os seus homens altamente treinados por causa de uma rebeldia de fim de semana não iria resolver nada e iria desperdiçar o investimento da nação.

O polícia teve de concordar. Após mais algumas palavras de consolo, Tibbets terminou a chamada.

Durante meses, o coronel tinha pressionado os seus homens de uma forma implacável. Eles não conheciam os pormenores. Apenas sabiam que estavam a ser treinados para uma missão de bombardeamento

secreta, que poderia terminar com a guerra. Agora estavam prontos, mas onde é que estava a bomba? Era essa a sua única pergunta. Ia e regressava de Los Alamos e os cientistas diziam-lhe que continuavam a «aperfeiçoá-la». Estavam mais preocupados em produzir a arma perfeita, em vez de se satisfazerem com a que já tinham. Parecia que estavam incessantemente a melhorar o *design*, a efetuar mais testes, a produzir infindáveis mudanças antes de deixarem que Tibbets largasse de facto aquela maldita coisa. E, claro, havia ainda a questão de se saber se a arma funcionaria.

Tibbets não tinha apenas de lidar com as tropas e os cientistas de Los Alamos. Estava a dirigir uma complexa operação militar secreta no Utah, que envolvia centenas de pilotos, navegadores, artilheiros e pessoal de manutenção. Apenas ele e meia dúzia de pessoas sabiam o que se passava. E todos os problemas do 509.º acabavam em cima da sua secretária.

A sua mulher, Lucy, e os dois filhos pequenos viviam numa pequena casa perto do aeródromo, mas era raro estar lá. Estava tão consumido pela missão, que brincar com os filhos e conversar à noite com a mulher não passavam de doces recordações. Essa dedicação foi uma das razões pelas quais os seus comandantes o escolheram para a tarefa. Era organizado, duro e juntara-se ao Army Air Corps anos antes de a guerra ter começado. Mas, mais importante, era o «mais incrível piloto» do Exército, como referiu um general. O seu talento no *cockpit* era vital para a perigosa missão. O homem que fosse finalmente pilotar a missão não teria apenas de largar a bomba atómica com precisão. Teria depois de executar as curvas e os mergulhos perfeitos para evitar a explosão da bomba. Caso contrário, os abalos secundários reduziriam o avião a pedaços.

Se alguém o conseguisse fazer, era Tibbets. Era um tipo confiante e bem-parecido, com uma ligeira cova no queixo. Mas Tibbets não era uma personagem de Hollywood. Era um experiente piloto de bombardeiros que se dava bem com a pressão. Pilotara os aviões dos generais

Dwight Eisenhower e Mark Clark em missões no Norte de África em 1942 e 1943. Certa vez, enquanto levava Clark a Argel, aterrou impecavelmente sob fogo de peças antiaéreas e metralhadoras.

Tibbets conduziu dezenas de missões de bombardeamento aéreo sobre o Norte de África e a Alemanha e, depois, foi mobilizado para os Estados Unidos para se encarregar do programa de testes de voo do B-29 *Superfortress*. O B-29 foi desenhado pela Boeing para voar mais depressa, a altitudes mais elevadas e com cargas de bombas mais pesadas do que o seu predecessor, o B-17 *Flying Fortress*. O B-29 conseguia voar autonomamente mais de 4800 quilómetros — precisamente aquilo de que o Exército dos EUA precisava à medida que se deslocava para mais perto do Japão. Mas o novo bombardeiro matou o seu primeiro piloto e alguns achavam que era demasiado perigoso de pilotar.

Tibbets provara ser destemido e esperava o mesmo dos seus colegas pilotos. Comandante decidido, Tibbets era um perfeccionista, o que irritava alguns dos seus camaradas. Mas Tibbets não se importava. Era ele que mandava, por isso iam fazer as coisas à sua maneira — «a maneira certa».

Nascera em Quincy, no Illinois, sendo filho de um antigo capitão de Infantaria na Primeira Guerra Mundial, que mais tarde viria a dirigir uma empresa de distribuição de doces. Isso conduziria, indiretamente, à paixão de Paul. Fez o seu primeiro voo num biplano aos 12 anos, como parte de uma promoção da nova barra de chocolate *Baby Ruth*. O seu pai era o distribuidor do produto na área e foi contratado um piloto local para largar chocolates da marca sobre um grande aglomerado de pessoas.

Quando o rapaz ouviu falar da acrobacia, implorou ao piloto que deixasse acompanhá-lo. O piloto não anuiu imediatamente; não queria que acontecesse nada ao filho do patrão. Depois de lhe ser dada autorização, o piloto pôs o rapaz a ajudar uma equipa de trabalhadores do armazém a atarem minúsculos paraquedas a cada barra de chocolate, para que caíssem suavemente no solo.

Depois de o avião estar carregado de chocolates, Tibbets saltou para dentro do *cockpit* e colocou o cinto no assento ao lado do piloto. O motor começou a rugir, o piloto empurrou a alavanca do acelerador e o avião voou livremente. Mesmo com o vento a bater-lhe no rosto, Tibbets não conseguia deixar de sorrir. Não levaram muito tempo a alcançar uma pista de corridas de cavalos, sobre a qual o piloto fez círculos baixos, deixando que a multidão visse bem o biplano. Enquanto o piloto prosseguia, Tibbets lançava as barras de chocolate para as pessoas lá em baixo. Anos depois disso, Tibbets brincava, dizendo que fora a sua primeira missão de bombardeamento. A partir do momento em que o avião descolou, ficou fascinado. Como diria mais tarde aos amigos: «Nada mais me satisfaria, depois de ter tido a emocionante amostra da vida de um aviador.»

No entanto, o pai queria que ele fosse médico. Tibbets frequentou a Academia Militar Ocidental, em North Alton, no Illinois, e em 1933 inscreveu-se na Universidade da Flórida. Depois das aulas, detinha-se muitas vezes no Aeroporto de Gainesville para ver os aviões. Um dia, decidiu que chegara a altura de aprender a voar. Teve lições — 7 dólares por trinta minutos. Tinha um talento natural. Rapidamente ultrapassou o seu instrutor.

Após o seu segundo ano na faculdade, Tibbets transferiu-se para a Universidade de Cincinnati para completar os seus estudos clínicos. Vivia com um amigo do pai, o Dr. Alfred Harry Crum, cirurgião. Tibbets passava a maior parte dos seus fins de semana a trabalhar como assistente no hospital do médico, mas, nos seus tempos livres, escapulia-se até ao Aeroporto Lunken, para conviver com os pilotos.

O Dr. Crum reparou no interesse do jovem Tibbets em voar e encorajou-o a seguir o seu sonho. Talvez pudesse fazer carreira na aviação comercial. Mas Tibbets sabia que o pai não aprovaria.

Então, perto do final de 1936, tudo se tornou claro. Um anúncio na *Popular Mechanics* quase lhe gritava: «Queres aprender a voar?» Tibbets já sabia voar, mas foi a linha seguinte que lhe chamou realmente

a atenção: o Army Air Corps procurava pilotos. Tibbets, então com 21 anos, enviou uma candidatura no correio do dia seguinte e, antes de regressar a casa de férias, chegou a carta: Tibbets fora aceite no programa. Iria ser um piloto cadete.

Agora tinha de contar aos pais que ia desistir da faculdade para ir para a tropa. O pai não aceitou bem. «Eu sustentei-te durante a escola», disse-lhe. «Comprei-te carros, dei-te dinheiro para andares a passear com as raparigas, mas, a partir de agora, estás por conta própria. Se queres ir matar-te, vai em frente, a mim pouco me importa.»

A mãe, Enola Tibbets, ficou calada durante o discurso inflamado do pai. Quando ele parou para ganhar fôlego, deixou que o silêncio tomasse conta da sala antes de falar.

«Paul, se queres ir pilotar aviões, vai correr bem», disse, quase num sussurro. Tibbets sentiu-se reconfortado. Estava a tomar a decisão correta. Não lhe iria acontecer nada de mal.

Tibbets transportava consigo aquelas palavras sempre que se encontrava numa complicação em combate. No dia em que partiu para a recruta, em fevereiro de 1937, a mãe disse-lhe: «Filho, um dia iremos encher-nos de orgulho por tua causa.» E, até ali, no seu oitavo ano de tropa, fizera tudo bem.



Coronel Paul W. Tibbets.

Depois do treino básico de aviação no Raldolph Field, em San Antonio, no Texas, foi enviado para Fort Benning, na Geórgia. Foi aí que conheceu Lucy Wingate, uma beleza típica do Sul. Apaixonaram-se e casaram em 1938.

Tibbets subiu rapidamente de patente nos Air Corps, que foram renomeados U.S. Army Air Forces, em 1941. Pouco depois da sua mobilização para a Europa, em junho de 1942, foi nomeado oficial comandante de todo um esquadrão do 97.º Grupo de Bombardeiros.

Tibbets chefiou a primeira missão norte-americana diurna de bombardeamento pesado sobre a França ocupada, em agosto de 1942. Ao todo, Tibbets pilotou vinte e cinco missões de combate no avião B-17 *Flying Fortress*, a que chamava *Red Gremlin*.

Pilotou o avião do major-general Clark de Londres para Gibraltar na preparação da Operação Torch, a invasão aliada do Norte de África. Algumas semanas mais tarde, Tibbets pilotou o avião do tenente-general Eisenhower, o comandante supremo aliado, até Gibraltar.

Os talentos de Tibbets foram elogiados pelo seu comandante, o major-general Jimmy Doolittle, que já era uma lenda militar. Conduzira uma ousada incursão de bombardeamento sobre Tóquio em 1942, o primeiro ataque norte-americano ao território japonês. A missão foi mais tarde retratada no filme *Trinta Segundos Sobre Tóquio*. Doolittle foi interpretado pelo ator Spencer Tracy.

Por isso, quando Tibbets foi convocado para o gabinete de Doolittle em fevereiro de 1943, achou que provavelmente iria transportar mais outro general de alta patente para algum lugar. Mas, em vez disso, Doolittle transmitiu-lhe a ordem do general Henry «Hap» Arnold, o chefe militar da Força Aérea. «O general Arnold quer que o meu melhor oficial superior, com maior experiência nos B-17, regresse aos Estados Unidos», disse-lhe Doolittle. «Estão a construir um avião chamado B-29 e estão a ter imensos problemas com ele. É teu.»

Um mês depois, Tibbets estava de regresso ao país, realizando trabalho de testes de voo com os engenheiros da fábrica Boeing.

Foi a Alamogordo, no Novo México, para ajudar um professor a calcular a vulnerabilidade do B-29 ao ataque de um caça. A tarefa de Tibbets era testar as teorias em ações de combate simuladas. O B-29 designado para os testes estava completamente equipado com armas e blindagem, mas, quando Tibbets chegou para trabalhar, ficou a saber que o avião estaria fora de serviço pelo menos durante dez dias. Decidiu tentar pilotar um B-29 «em esqueleto», um avião sem quaisquer metralhadoras nem armamento. Com a aeronave mais leve cerca de 300 quilos, Tibbets ficou espantado com a facilidade de manobra e a altura a que conseguia subir. Fixou esses dados na sua memória.

O Exército abriu uma escola de treino para os B-29 em Grand Island, no Nebraska, em março de 1944, com Tibbets como diretor operacional. Fazia sentido. Passara mais tempo a pilotar o *Superfortress* do que qualquer outro piloto. A missão não durou muito. Em setembro, Tibbets foi convocado para uma reunião secreta no quartel da Segunda Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, em Colorado Springs.

Tibbets não sabia nada da reunião, nem sequer quem iria lá estar. Acalmou-se e entrou na sala de reuniões. Estavam três pessoas lá dentro: o coronel John Lansdale, um oficial dos serviços secretos do Exército norte-americano; o comandante da Marinha William «Deak» Parsons, «especialista em explosivos»; e o professor Norman Ramsey, um físico de Harvard.

Lansdale disse que queria fazer algumas perguntas a Tibbets acerca da sua carreira militar. Mas rapidamente passaram para a vida civil de Tibbets. Algumas perguntas eram altamente pessoais. Isto é um interrogatório, pensou Tibbets. Finalmente, Lansdale disse que tinha uma última questão: «Alguma vez foi preso?»

Tibbets respirou fundo. Respondeu que sim. Quando tinha 19 anos e andava na faculdade, «um polícia metediço com uma lanterna» apanhou Tibbets e uma rapariga «durante um episódio de amor», no assento de trás do seu carro estacionado em North Miami Beach, na Califórnia. As acusações foram mais tarde retiradas, referiu.

Toda a gente na sala conhecia já a sua indiscrição. Tinham feito a sua pesquisa dos antecedentes. Só queriam saber se Tibbets seria sincero. Depois disso, sabiam que tinham o homem certo. Então, o general Uzal G. Ent, comandante da Segunda Força Aérea, tomou conta da conversa, e foi direto à questão.

Contou a Tibbets em que consistia o Projeto Manhattan, o plano para uma bomba tão potente que explodiria com a força de «20 mil toneladas de explosivo detonante convencional». Tibbets fora escolhido para desenvolver um método para largar a bomba atômica sobre os céus da Alemanha ou do Japão. A sua missão tinha o nome de código Operação Silverplate. Ent avisou Tibbets de que iria a tribunal marcial se falasse dela a quem quer que fosse.

Tibbets teria tudo de que precisasse, disseram-lhe, desde homens a mantimentos. Se alguém lhe causasse problemas, tudo que teria de dizer era que o pedido era feito em nome da Operação Silverplate. Tinha um cheque em branco.

Tibbets escolheu o Aeródromo de Wendover, uma base remota junto à linha fronteira entre os estados do Utah e do Nevada, para o programa de treinos. Começou por reunir os homens certos para o novo grupo. Perscrutou a sua memória para encontrar membros destacados das tripulações de voo que tinham servido consigo na Europa e no Norte de África, bem como no programa de treino do B-29.

No topo da sua lista estavam o capitão Theodore «Dutch» Van Kirk, navegador, e o major Thomas Ferebee, artilheiro, os seus camaradas de tripulação nos dias do velho *Red Gremlin*. Quando não estavam de serviço, Van Kirk e Ferebee, ambos jovens e solteiros, adoravam beber, jogar e fazer farras pelas ruas de Londres. Ocasionalmente, Tibbets juntava-se a eles.

Ferebee foi o primeiro a chegar a Wendover e Van Kirk chegou pouco depois. Numa missão, o artilheiro era responsável por atingir os alvos inimigos. Para Tibbets, ninguém o fazia melhor do que Ferebee. Era de uma pequena cidade da Carolina do Norte, alto e bem-parecido,



O capitão Theodore J. Van Kirk, o coronel Paul Tibbets e o major Thomas Ferebee à frente do bombardeiro que usaram durante as suas missões de bombardeamento na Europa: o *Red Gremlin*.

uma antiga estrela do baseball universitário, que foi a um teste de admissão nos Boston Red Sox.

Com o seu bigode e ligeiro sotaque sulista, e a sua propensão para jogar e namorar, era como a personagem Rhett Butler, de *E Tudo o Vento Levou*.

Ao contrário de Ferebee, Van Kirk acabara de assentar. O aviador de aparência jovial casara com uma rapariga da sua terra em Northumberland, na Pensilvânia. Aos 24 anos, Van Kirk era um pouco mais calmo do que Ferebee, mas ambos eram perfeccionistas, tal como o seu comandante. O trio trabalhou em conjunto para reunir a lista dos homens desejados por Tibbets. Esta incluía Jacob Beser, um miúdo judeu, esguio e sarcástico, de Baltimore, que se formara em engenharia na Universidade Johns Hopkins.

Beser agarrou logo a oportunidade. Quando a Alemanha invadira a Polónia em setembro de 1939, desencadeando a Segunda Guerra Mundial, Beser convencera os pais a que o deixassem alistar-se na Royal Air Force. Odiava os nazis. Sabia que os seus familiares em França e na Alemanha eram alvos naturais do antissemitismo raivoso de Hitler. Os seus pais também estavam indignados, mas insistiram para que completasse a sua licenciatura. Quando os japoneses atacaram Pearl Harbor, Beser não aguentou mais. Alistou-se nas Forças Aéreas do Exército no dia seguinte.

Decorridos três anos, Beser não assistira ainda a qualquer ação. Depois do treino básico, foi enviado para Harvard para estudar radares. A tecnologia era nova e crescia em importância e ele tornou-se um dos especialistas mais bem classificados do serviço.

Beser continuou a pedir para servir numa unidade de combate, para «vingar os seus familiares na Europa», mas foi sempre recusado. Estava condenado a ensinar radares aos recrutas. Acabara de fazer um novo pedido quando Tibbets o escolheu para a sua equipa.

Tibbets fez o mesmo com o sargento George «Bob» Caron, um artilheiro de cauda. Quando Caron apareceu em Wendover — uma poeirenta faixa de deserto a cerca de 200 quilómetros de Salt Lake City — tinha o uniforme sujo e o colarinho desabotoado, violações das regras militares. Quando um polícia militar o abordou, Caron ouviu uma voz familiar:

«És tu, Bob?»

Voltou-se e Tibbets apertou-lhe a mão. Caron sorriu e o polícia recuou. O comandante conduziu Caron ao seu gabinete e foi direito ao assunto.

«Bob, preciso de um homem que saiba o que está a fazer e que consiga ensinar outros a fazer um trabalho idêntico. E que mantenha a boca fechada», disse Tibbets.

«Coronel, nem sequer mencionarei que aqui estou», respondeu Caron.

Outra das escolhas foi o capitão Robert A. Lewis, um arrogante aviador nascido em Brooklyn. No programa B-29, Tibbets fora mentor de Lewis. Se Tibbets era o Joe DiMaggio dos pilotos, então Lewis era o Ted Williams. Lewis achava que era *ele* o melhor piloto do Exército e havia muitos outros que concordavam.

Quando Tibbets recrutou homens suficientes para constituir uma dezena de tripulações, havia reunido alguns dos melhores pilotos, navegadores e engenheiros de voo do Exército norte-americano. Para Tibbets, a lealdade e o secretismo eram as qualidades mais importantes. Tolerava um comportamento rude entre os seus homens, desde que não dissessem a ninguém aquilo que estavam a fazer.

Sintetizou tudo isso na primeira reunião que teve com eles no 509.º, em setembro de 1944: «Não falam a ninguém acerca de onde estão, de quem são, do que fazem. Nem à mulher, nem à mãe, nem à irmã, nem à namorada, a ninguém.»

Para mostrar como falava a sério, os poucos homens que falaram com maior liberdade foram subitamente transferidos para uma base aérea no Alasca.

As tripulações de Tibbets trabalharam durante meses, estudando, discutindo, praticando. Trabalharam arduamente e divertiram-se muito, procurando formas de preencher o tempo durante a longa espera pela mobilização. Agora chegava a primavera e as coisas começavam a ficar agitadas em Wendover. Chegara a altura de seguir em frente.

Entretanto, os comandantes tinham estado atarefados a preparar um novo local para o 509.º na minúscula e estratégica ilha do Pacífico, Tinian, 1600 milhas a sul de Tóquio. Capturada pelas forças norte-americanas em julho de 1944, Tinian tornara-se uma base aérea essencial, fácil de abastecer por mar e perfeita para lançar ataques aéreos de B-29 contra as cidades japonesas.

Tibbets fartara-se de estar à espera. Pegou no telefone e ligou para o quartel do comando das Forças Aéreas em Washington. Invocou o nome Silverplate. O 509.º estava pronto para andar, disse. E, assim,

iniciou-se o processo. Sabia que demoraria algumas semanas até que todos lá chegassem.

Começaram a deslocar-se para oeste a 26 de abril, através da Via-Férrea do Pacífico Ocidental, chegando finalmente a Seattle, onde a maioria das tripulações do solo embarcaria num navio para Tinian. As tripulações dos B-29 iriam mais tarde de avião.

Tibbets pôs o plano em ação. Não demorou muito até que o telefone tocasse: um ajudante de campo do general Groves disse a Tibbets que deveria ir a Washington para uma reunião urgente. O general não estava satisfeito, disse o ajudante. Não lhe daria pormenores. Tibbets foi.

Ainda não tinha passado a porta do gabinete, quando Groves disparou na sua direção. Mas quem pensava o coronel que era para ordenar o embarque do 509.º? Groves era o comandante que supervisionava o projeto, isso não estava claro? Aquilo era o equivalente a uma insubordinação.

Tibbets manteve-se em silêncio durante os impropérios de Groves. Sabia a razão pela qual o general o estava a repreender. Groves queria colocá-lo no seu lugar. Tibbets deveria ter clarificado a deslocação com ele antes de a fazer. Mas quando Groves terminou, fez algo que surpreendeu Tibbets. Desatou a rir-se e deu-lhe uma palmada no ombro. «Caramba, pôs-nos em movimento», disse-lhe. «Agora, não nos podem parar.»

Tibbets só esperava que o general tivesse razão. Estava farto de esperar enquanto o resto do mundo combatia.

**«Um thriller da vida real sobre um dos acontecimentos mais importantes do século XX. Escrito como um romance de espionagem, esta é uma leitura imperdível!»**

Daniel Silva, autor *bestseller*

Após anos de conflitos sangrentos na Europa e no Pacífico, a nação norte-americana fica em choque a 12 de abril de 1945 com a morte do presidente Franklin D. Roosevelt. O vice-presidente Harry Truman assume de imediato o comando do país, mas as dificuldades são muitas. Tendo sido mantido de fora de todo o planeamento da guerra, e nada sabendo sobre o ultrassecreto Projeto Manhattan – que desenvolve a primeira bomba atómica –, vê-se perante uma das mais importantes decisões da humanidade. *1945: Contagem Decrescente* relata-nos a emocionante história real dos agitados dias, semanas e meses desde esse momento até 6 de agosto de 1945, quando Truman dá a ordem para lançar a primeira bomba sobre Hiroxima.

Escrito por Chris Wallace, decano jornalista norte-americano, este é um livro que nos leva para dentro da mente das importantes figuras que entraram para a história, como Albert Einstein, J. Robert Oppenheimer, e os competitivos pilotos do avião que lançou a bomba. Mas não só. Mais do que um livro sobre a bomba atómica, este é também um relato inesquecível da vida de civis americanos e japoneses em tempos de guerra, e dos soldados norte-americanos que lutaram no Pacífico, receosos da ordem de invadir o Japão. Com uma escrita apelativa e emocionante, este é o relato definitivo de um dos momentos mais significativos da História.

**«Todos sabemos o resultado, mas Chris Wallace consegue fazer com que este relato dos meses que antecederam Hiroxima seja lido como um thriller tenso.»**

*The Washington Post*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)  
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-386-3



9 789895 833863